

As Mil e Uma invenções de um livro. Resenha de: WERNECK, Mariza. *O livro das noites: memória – escritura – melancolia*. São Paulo: EDUC, 2020, 178p.¹

Gustavo Ruiz da Silva²

Baseado na dissertação de mestrado homônima defendida em 1992 na Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP)³, *O livro das noites: memória – escritura – melancolia* (178p.), de Mariza Werneck⁴, publicado em 2020 pela EDUC – Editora da PUC-SP, apresenta um amplo conjunto de curiosas relações que a autora executa de modo audaz e destemido. À primeira vista, o livro pareceria se tratar de um estudo histórico-literário do livro que veio a ser chamado “*As Mil e Uma Noites*”, contudo, para além dos apontamentos históricos necessários para a compreensão dos fluxos que compuseram esta grande obra da literatura árabe, Werneck apresenta riquíssimas interpretações até então pouco exploradas.

Com uma elogiosa introdução de Eliane Robert Moraes⁵, “*nunca é demais lembrar que, de Marquês de Sade a Marcel Proust, de Jorge Luis Borges a Italo Calvino, não foram poucos os aficionados*” (MORAES, 2021, p. 6) pela obra d’*As Mil e Uma Noites*, que enfatizaram o seu poder de encantamento, atributo esse que é partilhado com a “sedutora” narração de Mariza Werneck, que apresenta este ensaio quase como se fosse literatura. Partindo da fabulação enquanto gênero, marcando o caráter de “literatura oral” e acentuando as “*diferenças substantivas na forma, no conteúdo e no próprio agenciamento dos contos*” (MORAES, 2021, p. 7), a autora se aproveita disso em sua análise, indicando o elemento fantasioso da origem que veio a se integrar pouco a pouco às *Mil e Uma Noites* – nome que, inclusive, indica um caráter mítico de universo incontável (WERNECK, 2021, p. 23; BORGES, 1980, p. 75)⁶.

¹ Agradeço imensamente à professora Mariza Werneck por ter me enviado a versão digital do referido livro no instante de sua publicação. Agradeço também à leitura e aos elogios que foram proferidos a esta resenha.

² Graduado em Ciências Sociais (PUC-SP). Graduando (USP) e Mestrando em Filosofia (PUC-SP). Membro do “Grupo de Pesquisa Michel Foucault” (CNPq), do “Grupo de Trabalho em Ética e Filosofia Política” (ANPOF) e do projeto “Imagem, Imaginação e Imagem de Si” do PPG em Filosofia da PUC-SP. ruizdasilva.gustavo@sciencespo.fr

³ Pesquisa sob orientação do professor Edgard de Assis Carvalho, Professor titular de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Coordenador do Núcleo de Estudos da Complexidade.

⁴ Professora Doutora do Curso de Ciências Sociais (Antropologia) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

⁵ Professora de Literatura Brasileira no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) a Universidade de São Paulo (USP). bolsista Produtividade 1B do CNPq.

⁶ Como também afirma Moraes (2021, p. 8), o jogo de infinitos e repetições se apresenta no encadeamento estrutural-argumentativo do livro de Werneck, criando um rompimento com o tempo daquele que o lê, tal como suposto sobre a noção de “Mil e Um” entre os árabes, que deve indicar a ideia de infinito que se estende para além da eternidade.

Criticando aqueles que se esforçam para encontrar a versão original, a “verdadeira história” ou pior, reconstituir sua suposta formação primeva (movimento posterior à tradução francesa de Antoine Gallar em 1704), Mariza Werneck nos convida a fazer uma reconstituição histórica do processo de “invenção” da obra, marcando suas possíveis influências hindus, pérsicas ou egípcias. O que vê nesta análise, então, não é a busca por uma origem precisa, bela e grandiosa, mas sim um “escavar sobre os próprios pés”, um gesto metodológico que vem apresentar a potência das aparências, a máscara por trás da máscara, diagnosticando “*a nervura verbal do que não existe, tal como se é*” (FOUCAULT, 1994, p. 506), consistindo, assim, não em se fazer ver o invisível, mas fazer se ver quanto é invisível a invisibilidade do visível⁷, uma história que por si só é ficção.

Com o jogo de fabulações de Werneck, podemos ver o como aquilo que é contado (sejam os acontecimentos históricos, as interpretações ou as funções que se exercem na narração), recontado ou habitado no interior das possibilidades míticas da cultura tem um poder de desalinhar uma história literária que buscou ver n’*As Mil e Uma Noites* um texto inacabado, cuja fonte originária deveria ser encontrada, de aliviar o texto desta sobrecarga, de explodi-la e dispersá-la, abrindo um espaço de liberdade para a obra para se pensar em seu fictício, em seu fabuloso que não se encontra “nos homens, mas na impossível verossimilhança” daquele que é o livro mais famoso da literatura árabe. É nesta paisagem mental que a autora, então, vai se utilizar de um conjunto de referenciais teóricos para fazer jus às potencialidades presentificadas na obra que se tem, retomando Averróis, Bachelard, Derrida, Barthes e Benjamin – estes dois últimos de grande presença na estrutura argumentativa da obra.

Têm-se uma análise literária, neste sentido, que transita entre campos de saber, que transcende a historiografia, a filosofia ou a antropologia, ao insistir nas metáforas arquitetônicas de Borges (1980, p. 261; WERNECK, 2017, p. 112), quando o simbólico pôde ser visto quando retomada a noção de *corpus* atemporal do *Alcorão* (WERNECK, 2021, p. 29-30), em que a distinção entre a realidade tatutegórica do texto é apartada da realidade em que rodou, ao passo que a genealogia permite diagnosticar os problemas tradutórios da Academia de Inscrições e Belas Letras de Paris (WERNECK, 2021, pp. 22-24), ou quando se têm uma

⁷ Como aforismado por Werneck (2021, p. 35): “Cegos para luz, eles veem o invisível”.
Revista Literatura em Debate, v. 16, n. 28, p. 189-193, jul./dez. 2021.

influência filosófica de Leibniz pintada em *chiaroscuro* no que diz respeito às infinitas dobras e redobras que são apresentadas entre os contos e recontos da arte de se narrar (BENJAMIN, 1993, p. 204; WERNECK, 2021, p. 33).

É graças a esta interdisciplinaridade que podemos ter uma análise não só mais inovadora, como também ampla do *Livro das Mil e Uma Noites*. Interpretação esta em que Werneck, partindo da noção de série em Lévi-Strauss (1967, p. 250), pode retomar diversas perspectivas tradutórias em que o movimento dos recontares e versares ocidentais da obra pode aparecer como uma forma estratégica particular inscrita na tradição do orientalismo ocidental, um o eterno refazer do livro pela mão dos europeus é feito a partir da imagem e semelhança daqueles que o fizeram (BARTHES, 1980). O espelho disto é ser, então, uma dinâmica de reescritura que alimentar-se-ia da negação permanente do imaginário e ficcionalidade d’*As Mil e Uma Noites* (WERNECK, 2019, p. 80). Com esta abordagem metodológica (feita estruturalista e borgeamente) tem-se a possibilidade de um agenciamento cuja unidade apareceria unicamente como uma subtração da multiplicidade, em que as conexões se redobriam na constituição de uma constelação a-centrada.

Coloca-se, assim, um dos principais argumentos de Werneck (2010) para sua análise literária: “*todo livro é uma ausência e guarda perturbadora semelhança com um outro livro possível, que ainda não se fez, mas que engendra outros, infinitamente*”. Para a autora, a história do livro *As Mil e Uma Noites*, mágica e misteriosa, confundir-se-ia com as histórias nele narradas, mesmo que ele nunca tenha tomada uma versão definitiva ou constituído uma versão canônica, mesmo depois de suas diversas impressões e traduções. No mais, para além desse jogo de infinitos, essas versões se davam de modo agonístico, isto é, sempre partindo da sucessiva negação do modelo anterior, algo que é veementemente criticado por Werneck. A perversidade deste constante embate engendrado destro da tradição “purista” (que operava em nova da “verdade”, “verossimilhança” e “integralidade” documental” viria por negar a ficcionalidade da obra e, concomitantemente, suas potencialidades estéticas – o culto ao documental destes tradutores europeus, a contra gosto desta intérprete, feriria a autonomia da obra que deveria responder por si mesma, de modo que esta se tornou escrava de um passado originário grandioso que terminaria por “*negar a dimensão do imaginário e da fantasia, que são, afinal, as mais essenciais do livro*” (WERNECK, 2019, p. 73).

O que não havia sido visto até então é que é exatamente esta ausência que pode permitir que o livro se torne o que se é, que abra possibilidades outras, em que, para além da ficção, as infindáveis noites e versões possam prosseguir ao infinito, um movimento perpétuo (e preciso) em que cada recontar seja recebido, denunciado e recriado de modo que todas as formas sejam renegadas e refeitas ao passo que outras noites se escrevam em potencialidades outra – “*por meio de suas histórias, o Livro das Noites do Oriente forneceu-nos um legado inesgotável de imagens, que hoje já não se separam, antes se confundem, com nossas mais secretas fantasias*” (WERNECK, 2010). Entre as diversas imagens, o conteúdo é a pura força das mesmas, em que, como indicado por Bachelard (*apud.* WERNECK, 2017, p. 116):

Os espaços da memória são habitados apenas por imagens, que se deslocam, se confundem, se repetem e geram outras, infinitamente. ‘Imagens imaginadas’, geradas pela ‘imaginação imaginante’ (...) imagens que podem ser ‘compreendidas’ através de outras.

É possível, então, traí-las, desfocá-las para um contexto diverso, ir para além do edifício da imaginação poética e talvez explodir realidades outras que se fariam nas redobras infinitas do labirinto que é esta obra de curiosa invenção analisada por Werneck.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. (1993). “O Narrador”. In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, pp. 197-221.

BORGES, Jorge L. *Sete noites*. Trad. de João Silvério Trevisan. São Paulo: Max Limonad, 1980.

FOUCAULT, Michel. (1994). “L’arrière-fable”. In: _____. *Dits et Écrits I*. Paris : Gallimard, pp. 506-513.

MORAES, Eliane R. “Introdução”. In: WERNECK, Mariza. (2020). *O livro das noites: memória – escritura – melancolia*. São Paulo: EDUC – Editora da PUC-SP.

WERNECK, Mariza. (2010). "Livro das Noites". *Cult, Resenhas*. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/livro-das-noites/>. Acesso em: 28/01/2021.

_____. (2017). Marcas de oralidade e memória no Livro das mil e uma noites. *Bakhtiana*, v. 12, n. 13, pp. 96-118.

_____. (2019). A negação do imaginário: notas sobre algumas traduções do Livro das Mil e uma Noites. *Política & Trabalho*, n. 51, p. 73-88.

_____. (2020). *O livro das noites: memória – escritura – melancolia*. São Paulo: EDUC – Editora da PUC-SP.